

Teresa Saavedra



<http://bmcerveira.blogspot.pt/2010/07/diario-da-xxi-feira-do-livro.html>

Escritora portuguesa, Maria Teresa Sousa Pereira de Saavedra nasceu em 1947, no Porto, sendo

a  
mais  
nova  
de  
três  
irmãs.

Educada num meio profundamente conservador de uma família da média/altaburguesia, a presença masculina,

no  
que  
respeita  
aos  
valores  
impostos,  
marcou-a  
definitivamente.

Embora órfã de pai desde os sete anos de idade, esses valores conservadores resistiram ao tempo

e  
coabitaram  
dentro  
das  
quatro

paredes,  
sem  
grande  
resistência  
da  
mãe  
e  
das  
suas  
duas  
irmãs.

Bastante mais nova que as outras duas irmãs, a autora, desde muito cedo, demonstrou uma total oposição a este paradigma educacional que remetia a mulher para um papel secundário e "para a vida de casa".

Feitos os estudos até ao antigo 5.º ano do liceu, num Colégio de Freiras, "saltou" para a ESBAP (Escola Superior de Belas Artes do Porto) onde, contra a vontade de

sua  
mãe,  
se  
licenciou  
em  
Escultura.

Tendo sido orientada, durante o estágio, pelo professor Hélder Pacheco, homem reconhecida  
mente  
inovador  
no  
que  
diz  
respeito  
às  
concepções  
estéticas  
e  
ao  
modo  
de  
olhar  
a  
disciplina  
de  
desenho,  
a  
sua  
formação  
na  
área  
das  
artes  
plásticas  
marcou  
indubitavelmente  
toda  
a  
sua  
estética  
literária,  
dando  
origem  
a  
uma  
escrita  
muito

visual  
que  
se  
apresenta  
como  
resultado  
de  
uma  
"pincelada  
na  
tela".

Em 1995, edita o seu primeiro livro *Memória das Doze Casas* (segundo a autora difícil de catalogar quanto ao género).

Situada a ação da narrativa num tempo que é o da juventude, a obra está dividida em duas partes, apresentando uma estrutura interna dual.

Na primeira parte, assente em momentos descritivos exaustivos, o narrador franqueia-nos as portas de uma moradia da

média  
burguesia  
portuense,  
situada  
na  
zona  
mais  
alta  
da  
cidade.  
Esta  
descrição  
minuciosa,  
não  
só  
física  
mas  
também  
psicológica  
(descreve-se  
o  
quarto,  
o  
escritório  
onde  
o  
pai  
escondia  
os  
livros  
que  
considerava  
de  
leitura  
proibida  
para  
as  
mulheres,  
etc.)  
rica  
e  
diversificada  
em  
adjetivos,  
permite-nos  
classificar

este  
espaço  
como  
a  
personagem  
principal  
deste  
momento  
da  
narrativa.

Já na segunda parte, diretamente relacionada com a primeira, enquanto alusão à Rua onde se situava

a  
casa,  
apresenta-nos  
o  
narrador,  
com  
grande  
afetividade,  
as  
atividades  
de  
rua,  
da  
época,  
personificadas  
por  
um  
rol  
de  
personagens  
coletivas,  
de  
tipo  
vicentino,  
que  
desfilam  
na  
passerelle  
do  
seu  
quotidiano:  
a  
peixeira,  
a

leiteira,  
a  
padeira,  
o  
ceguinho  
e  
a  
sua  
acompanhante,  
o  
carteiro,  
o  
polícia,  
etc.

Maioritariamente femininas, estas são personagens que davam vida ao dia dacidade - "a cidade, durante o dia, é feminina".

Personagens  
anónimas,  
de  
uma  
grande  
densidade  
psicológica,  
que,  
lado  
a  
lado  
com  
as  
três  
personagens  
individualizadas  
e  
nominadas,  
a  
Sra.  
Ana  
(cozinheira  
da  
casa),  
a

Senhora  
(dona  
da  
casa)  
e  
a  
Menina,  
enformam  
a  
narrativa.

Por esta altura, a autora lançou-se numa experiência, no âmbito da literatura infantil juvenil, sob

o  
pseudónimo  
"Maria  
Mata",  
tendo  
publicado  
quatro  
títulos.

Em 2000, chegou ao prelo o seu romance *Inventário Frente Ao Espelho*, pelas mãos da  
Campo  
das  
Letras  
Editores.

Escrito a partir da experiência de um amigo com fortes convicções ideológicas de esquerda, a  
autora

pretende  
registar,  
através  
de  
uma  
narradora  
heterodiegética  
e  
omniscientemente  
subjativa,  
o  
sonho  
de  
uma  
geração  
empenhada  
em  
mudar  
o



mundo.

Narrado no feminino, este romance, fruto de uma "escrita desencantada", reflete,então, o desencanto

de

uma

geração

cujos

objetivos

saíram

logrados,

enquanto

sonho

apenas

sonhado.

Na verdade, imbuídas de ideais revolucionários, as personagens masculinas(António e Ricardo)

não

conseguiram,

contudo,

cortar

o

cordão

que

ainda

as

ligava

ao

ventre

conservador,

contradição

que

se

vai

refletir

necessariamente

no

relacionamento

com

as

personagens

femininas.

Esta frustração do "ser feminino" é veiculada por momentos epistolográficos (ascartas de Miriam),

que,

imprimindo

à

narrativa  
dolorosos  
momentos  
de  
intensidade  
lírica,  
servem  
para  
que  
a  
personagem  
faça  
a  
catarse  
do  
fracasso  
do  
seu  
casamento  
com  
o  
ex-marido  
António.

Com personalidades muito diferentes, Miriam e Lídia personificam o universo feminino que, no entender da autora, não conseguiu ainda situar-se no espaço a que tem direito - o de pé de igualdade com o "ser

masculino".

*Teresa Saavedra*

. In

**Infopédia**

[Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2012. [Consult. 2012-05-22].

Disponível na [www](#): .